

Ana Lúcia Branco²

Elisabete Ferraz Sanches³

Resumo

O artigo objetiva refletir acerca da linguagem midiática, em especial a cinematográfica de animação, interpretando-a como um dos meios de formação moral do sujeito social. A partir de dois princípios universais – Cosmos e Caos –, o conceito de Lealdade, abordado pelo filósofo Josiah Royce, é evocado como ponto fundamental para o equilíbrio entre essas duas vertentes antitéticas que pontuam a relação do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade. Perceber a presença de fundamentos de duas grandes artes (a filosofia e a psicanálise) em um outro plano de composição - a imagem no desenho animado - compreende nossa ênfase analítica discursiva nesse estudo.

Palavras-chave: *Indivíduo; Caos; Cosmos; Lealdade, Mídia.*

(...) o significado dos desenhos animados opera em vários registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles desempenham como as novas 'máquinas de ensino', como produtores de cultura.

(GIROUX, 2004: 89).

O homem pode ser considerado um ser social e a literatura um produto estético emanado por ele. Porém, não somente dessa arte, como por outros meios, dentre os quais, o midiático, o humano também resvala das fronteiras da representação fictícia. Análises da influência cultural de determinados programas brasileiros e estrangeiros têm surgido no mercado editorial, tendo a assinatura de especialistas ou intelectuais provenientes de

¹ Este artigo foi desenvolvido durante o período de graduação das autoras.

² Ana Lúcia Branco, graduada em Letras e Mestra, em Literatura Brasileira, pela USP. Atualmente, trabalha na área de pesquisa: literatura, mídia e sociedade.

³ Elisabete Ferraz Sanches, professora graduada em Letras pela USP, pós-graduada em Português: Língua e Literatura pela UniSant'Anna e mestranda, em Literatura Brasileira, pela USP.

algumas das melhores universidades nacionais e internacionais. É esse o caso de “Os Simpsons e a Filosofia”, uma coletânea de artigos escritos por respeitados profissionais dedicados a nobres áreas do conhecimento das ciências humanas, especialmente a filosofia, observa Machado (2009). Destarte, partindo da reflexão acerca da linguagem do desenho animado, com conceitos adquiridos no referencial teórico da filosofia e psicanálise, procuramos refletir a respeito de dois princípios universais regentes, porque presentes, constantemente na vida humana: Cosmos e o Caos, cujos desdobramentos quanto ao campo semântico são também conhecidos como Bem e Mal, Certo e Errado, Sagrado e Profano. No entremeio de tais pêndulos avulta o conceito da Lealdade. Perscrutar a filosofia no desenho animado, tomando o discurso da lealdade, enquanto discurso ético e moral na constituição do sujeito e na manutenção da sociedade, constitui o ponto de chegada da presente discussão. No mais, ressalta-se que o *corpus* da abordagem recairá, com maior ênfase, na produção midiática “A volta dos Ursinhos Carinhos” por corroborar o caminho a ser seguido nesse trabalho.

Patrícia Vicente (2003) observa que o desenho animado solicita ser entendido como um meio de comunicação dominante gerado a partir da hibridização e alfabetização de outros sistemas culturais anteriores, tais como o *stop motion*, *pixilation* do cinema, a flipagem, a rolagem e a *cut-out*, enquanto técnicas gráficas. Já Patrícia Ignácio (2008) lembra, a partir de Fisher (2004), que não somente as tramas do desenho são responsáveis pela construção e constituição dos significados, mas também o jogo de luzes e cores, os planos, a trilha sonora, o ritmo e a perspectiva da imagem que projeta o olhar do personagem são constitutivos e conceituais.

No tocante à linguagem, a expressividade midiática se faz por elementos figurativos, como a visualização de metáforas pensadas, linhas de ação refletindo a velocidade, o mundo visível e invisível, como o cheiro, variações de letras para capturar a essência do som. Os personagens se apresentam com personalidades e sentimentos. Por isso, os desenhos animados são parcialmente responsáveis por colocar em circulação discursos que formam e subjetivam os sujeitos, na medida em que estão eivados de sugestões, orientações, prescrições e fórmulas de como ser, não ser, pensar, comportar-se, vestir-se, relacionar-se, encontrar a felicidade etc., pontua Ignácio, que ainda acrescenta:

Os desenhos, assim como outras programações da televisão, balizam, através da ressonância dos seus discursos tidos como “verdades”, o que é natural, normal, lógico e desejável, delimitando e constituindo os conceitos que são adotados como padrão em nossa

sociedade. Esse movimento, ao apontar os sujeitos aceitáveis, ou seja, os que fazem parte do que se pode considerar dentro da norma, demarca também os inaceitáveis, e determina os possíveis lugares que devem ou não ser ocupados pelos sujeitos. (IGNÁCIO, 2008: 01)

O longa-metragem “A volta dos Ursinhos Carinhos” faz parte do rol da arte das animações cujos personagens protagonistas se classificam em duas linhas de força: a do Bem e a do Mal, ou seja, as criações se dividem em seres encantadores-sensíveis, e um cruel, que tem por intenção primordial “destruir tudo que há de bom e amável no mundo, a começar por aqueles defensores peludos do amor”.

Tais características receberam forma em dois tipos de criatura: urso e dragão, o que, por si só, já demarca aquela dualidade maniqueísta. Enquanto o primeiro acalenta ternura, afabilidade, delicadeza em sua constituição física, tendo no peito ou o desenho de um coração ou de uma estrela atado à imagem do arco-íris, o outro se mostra por um jogo de cores fortes, com o predomínio do vermelho; seus olhos são grandes e, no conjunto fisionômico, lhe delineiam forças malignas; recebendo a alcunha de “Coração Negro”, em oposição à reunião de características humanas ideias retratadas nos Ursinhos (Carinhos).

Não é irrito, nesse sentido, lembrar que a formação da nação desses seres do Bem tenha sua origem a partir da união de dois deles: o Cavalo Coração-Nobre e o Ursinho Coração-Leal. Logo nos primeiros minutos do filme o narrador, representado por uma estrela, enuncia:

Muito bem, meus amiguinhos, estrelinha e coraçãozinho, nossa procura finalmente terminou. Acabamos de encontrar as duas criaturas, cujo amor e bondade pelos outros é tão grande que isso os extingue do resto do mundo. A partir de hoje, por causa do grande amor e carinhos por eles demonstrados, serão chamados de Ursinho Coração Leal e Cavalo Coração Nobre. E como tem ajudado e protegido os pequenos órfãos, eles ajudarão outros a compartilhar seus sentimentos e proteger a todos do malvado Coração Negro.

A nobreza e a lealdade são alavancadas como dois princípios formadores e mantenedores das demais virtudes. Há uma base expressa em valores e sentimentos humanos imortais, onde o famoso final feliz faz o telespectador sonhar, por alguns instantes, transmitindo às pessoas a ilusão que faz com que elas possam manter vívida a esperança de uma vida feliz através da concretização de seus sonhos, sublinha Vicente (p. 14). Não só, mas por muito se assemelharem a tais ideias, os Ursinhos Carinhos adquiriram grande aceitação do público infantil e adulto, pois a sociedade e o indivíduo estão sedentos de boas intenções. O desenho animado, assim como as histórias em quadrinhos, enquanto meio de comunicação, funcionaria como uma “válvula de escape”, nas palavras de Vicente (p. 11). O leitor adulto vivenciaria sua fantasia durante o tempo de

leitura e, ao término desta, estaria revigorado de sua experiência e de volta ao "mundo real". Trata-se do mecanismo da identificação catártica na e pela arte.

Na animação em foco, o “preocupômetro” dos Ursinhos anuncia que alguém na Terra está solícito de ajuda. O conflito se passa em um acampamento de jovens dividido em dois grupos, o dos que sempre ganham as competições e o dos que sempre perdem, composto de três amigos, que acabam sofrendo com a soberania do líder da equipe adversária.

“Ah! Eu gostaria de ser a campeã, pelo menos uma vez. Eu odeio ficar aqui, eu odeio ser a última”, expõe a líder dos desventurados. Como para os perdedores cabiam as tarefas de limpeza – recolher lixo, lavar a roupa – a menina Christ se recusa a prosseguir em tal papel. Sua primeira resolução é a fuga. Ao fugir do acampamento, ela é seguida pelos dois amigos, que acabam se perdendo na floresta, encontrando o Ursinho Coração Leal disposto a ajudá-los a reencontrar o caminho de volta não só para o acampamento como para a auto-estima. Nisso, Christ, em outra parte da floresta, se aflige por estar perdida e por achar que os amigos a abandonaram. Surge-lhe, então, Coração Negro disfarçado em um menino⁴ de um outro acampamento. “Você gostaria de ser a campeã do acampamento, não gostaria? Eu posso arranjar isso pra você. Só que tem um problema...”, diz o disfarçado, deixando a garota mais hesitante ainda. “É só um acordo. Um dia, eu vou voltar pra cobrar esse acordo, e você terá que cumprir, sem fazer perguntas. Um favor agora, por um favor depois.” E, assim, ela aceita o trato em troca de fazê-la campeã. É importante notar as consequências de seguir um ou outro caminho: os dois irmãos, amigos de Christ, são guiados pelo Coração-Leal e, nesse momento, descobrem sua própria individualidade e função dentro do grupo: são excelentes babás. É pelas mãos da lealdade que ambos descobrem o quanto são importantes. Por outro lado, Christ, guiada por Coração-Negro e cega diante do próprio desejo de ser campeã, não se descobre como indivíduo, pelo contrário, recebe características que não são suas, mas sim de um campeão de acampamento. Não se torna útil ao grupo, torna-se a projeção do que ela mais abominava: campeões que humilham os perdedores.

Impreterivelmente, a lealdade é um ponto profícuo da existência humana. Todo ser, logo ao nascer, precisa confiar na lealdade do médico, aquele que prometeu a si e à sociedade “ser leal à profissão de salvar vidas”; precisa acreditar na lealdade da mãe que o

⁴ A metamorfose de Coração Negro não se restringe a figura humana. Adquire também a forma animal – sapo, gavião, raposa, lobo, jacaré, gorila, dentre outros, em momentos específicos da história.

amamentará e zelará por ele até que se torne independente; precisa acreditar na lealdade da professora, que o instruirá ao exercício intelectual e social, etc.

Segundo o filósofo idealista americano Josiah Royce (1855-1916), a lealdade pode ser definida, inicialmente, como a “vontade e atitude que uma pessoa devota a uma causa”, seja esta boa ou ruim. Uma causa digna de devoção seria aquela não destruidora da lealdade ensimesmada, isto é, a que não milita contra o que o autor chamou de “espírito de lealdade”. A causa adquire estatuto positivo quando não apenas o indivíduo a usufrui, e sim toda a humanidade. Logo, a lealdade é social, entretanto, não descarta o individualismo, à medida que os laços sociais são enleados por seres indivisos e livres para escolher um mote pelo qual defender, garantir, lutar. Trata-se de um compromisso pessoal ligado ao social, mas não exclusivamente a um “espírito de guerra”, ou seja, a um contexto bélico, pois

there is no necessary connection between loyalty and war; and there are many other forms of loyalty besides the patriotic forms. Loyalty has its domestic, its religious, its commercial, its professional forms, and many other forms as well (ROYCE, 1908: 42-3).

A lealdade é o bem maior da humanidade, é por meio dela que o ser humano encontra harmonia entre o ser e o mundo, ainda atesta Royce. Como espécie insatisfeita, perpassados pelo que chamou de “coleção de impulsos” e “desejos internos caóticos”, os homens precisam de laços com os outros em busca de uma unidade de vida, pois, sozinhos, não encontram o que almejam. É preciso a alteridade para que sejam sujeitos, para que escolham uma causa e um sentido para a própria vida.

O caos se instauraria quando a lealdade se viesse em direção a conceitos erigidos como ruins, contrários, ao bem coletivo e bom funcionamento social, o que promove link direto com os dois protagonistas apresentados no desenho dos Ursinhos Carinhosos. É digno de nota ressaltar que Ursinho Coração Leal possui uma estrela no peito, dentro da qual há um pequeno coração. Da mesma maneira, Cavalinho Coração Nobre possui um grande coração desenhado no peito com uma pequena estrela dentro. Os dois pares-símbolos, estrela/lealdade e coração/nobreza, estão intrinsecamente ligados, um no outro, o que corrobora a teoria de Royce acerca da qualidade daquilo por que lutamos. Uma vez que a causa é nobre, merece lealdade. Por outro lado, devotar lealdade a causas não nobres ferirá o Cosmo.

No desenho em questão, os Ursinhos Carinhosos são responsáveis pela manutenção do Cosmo, ou seja, da paz entre os homens. Coração Negro, ao contrário, irá se aproveitar da inocência e fraqueza de uma criança para ajudá-lo a instaurar o Caos. Christ aceita a

proposta de Coração Negro; ele a transforma em campeã, e o pacto é selado sem que Christ saiba a qual causa está devotando sua lealdade. Logo descobre seu dever: ajudá-lo a destruir os Ursinhos. Ainda que hesitante, a menina concorda, pois coloca em primeiro plano sua individualidade, e não o bem comum. Com sua ajuda, ou melhor, com a ajuda de sua lealdade a uma causa ruim, os personagens do bem são presos. Com a ausência dos ursinhos, representantes das virtudes humanas, o caos se estabelece. A presença maléfica de Coração Negro influencia a comportamento dos animais e das crianças, que começam a agir de forma violenta e destrutiva. Christ quebra o pacto de cumplicidade com os dois amigos em detrimento de uma causa que trouxe o desequilíbrio.

A relação entre a filosofia e a arte audiovisual pode ser refletida também no âmbito cinematográfico se citarmos a trilogia do “Senhor dos Anéis”, por exemplo. No primeiro filme, “A Sociedade do Anel”, todos os habitantes da Terra Média prometem Lealdade entre si em nome da salvação do planeta, mesmo que o pacto leve-os à morte. Pois, sublinha Royce que, toda base social se constrói sobre o terreno de fidelidade entre os habitantes e as várias instâncias do social, garantindo ao primeiro a existência prova em um pacto ético de unidade em que a “união faz a força”. A problemática do enredo tem sua gênese instaurada na “quebra de contrato” que nos é apresentado na introdução do longa: há mais de 2500 anos, uma sociedade do anel já havia sido criada, no entanto, Sauron, representante do Mal, forjou um anel que dominava todos os outros. As diferentes espécies da Terra Média se uniram para destruí-lo. Elfos, anões e homens, cada um com sua individualidade, devotaram suas vidas em nome do cosmo, da harmonia, da salvação do Planeta. Porém, quando o Rei Arathon ambiciona o poder para si, e não destrói o anel que corrompe o coração dos homens e os domina, lega às futuras gerações o peso dessa escolha errônea. O caos rebenta e a trilogia começa com a nova Sociedade do Anel que une elfos, anões, hobbits e homens. A narrativa, assim, passa a depender da lealdade dos integrantes dessa comunidade, em especial, a do hobbit Frodo Bolseiro, responsável por levar o anel ao destino da destruição.

Apesar da diversidade quanto ao campo analítico, Helio Pelegrino, dentro da vertente psicanalítica, também assinala as consequências caóticas de um rompimento contratual de lealdade, em “Pacto edípico e pacto social”. No ensaio, elucubra os dois momentos fundamentais de entrada da vida humana na cultura. A primeira seria a aceitação da Lei do Pai: quando a criança renuncia o desejo libidinal pela mãe; o segundo, na idade

adulta, corresponderia ao instante em que os seres renunciam suas pulsões e aceitam o trabalho. Em linhas gerais, então, podemos arquitetar que

o pacto edipiano implica mão dupla, um toma lá dá cá. A criança perde, mas ganha. Em troca da renúncia que lhe é exigida, tem o direito de receber nome, filiação, lugar na estrutura de parentesco, acesso a ordem do simbólico, além de tudo o mais que lhe permita (...) construir-se como sujeito humano. Com isto ela ama e respeita o pacto que fez e, nesta medida, fica preparada pra identificar-se com os ideias e valores da cultura a qual pertence. (...). Na idade adulta, ao pacto com a Lei da Cultura, centrado em torno da renúncia aos impulsos sexuais, vai acrescentar-se um pacto social estruturado em torno da questão do trabalho (...); pede-se ao ser humano que confirme a sua renúncia pulsional primigene, através da aceitação do princípio da realidade. (PELEGRINO, 1983: 30-31)

Na acepção de Pelegrino, o pacto social estabelecido entre o trabalhador, que renunciou ao princípio do prazer em detrimento do esforço laboral, também é de mão dupla. É uma continuação do pacto edípico da aculturação do indivíduo que terá garantias de direitos inalienáveis, já que se tornou um “sócio” dessa sociedade. Uma vez que a lealdade é traída, ou seja, o trabalhador renuncia a seus desejos, mas não recebe nada em troca, não há motivo para manter-se fiel ao contrato, já que não recebeu fidelidade da parte contrária. Assim sendo, o autor ressalta os perigos da quebra do pacto social, se o trabalho não garantir benfeitorias, o indivíduo se sentirá lesado e começará a odiar a Lei, concedendo, conseqüentemente, vazão ao seu sentimento de humilhação por meio da violência ou, na melhor das hipóteses, se transformará em revolucionário. Inconscientemente, o trabalhador destrói as barreiras da Lei do Pai e se entrega aos seus impulsos primitivos que podem tomar a forma de delinqüências várias, como roubo e homicídio, por exemplo. Seria a entrada do caos pelas portas da deslealdade ao pacto.

A relação, enfim, entre a lealdade individual e suas conseqüências no social aparece implicitamente no comportamento de Christ, que passa de melancólico a esnobe, inclusive para com os próprios amigos. Uma fala do narrador é bastante elucidativa nesse sentido: “A influência de Coração Negro estava mudando Christ, e, logo mais, iria mudar todo o acampamento”, o que de fato ocorre. As demais crianças e os animais dão amostras da força maléfica daquele por atitudes de barbárie. Embora estejamos aproximando a noção de Caos ao de Maldade, não se ignora aqui a dificuldade conceitual do mesmo, já que sua definição sofreu mudanças em diferentes épocas. O léxico “caos” deriva do grego *χαίω*, que pode significar “separar”, “vazio”, “cisão”, a algo, portanto, que se opõe a unidade buscada por todo ser humano. A palavra passou a designar, então, a noção de desordem e confusão. O deus mitológico Caos teria gerado, assexuadamente, Nix (noite) e Érebo

(escuridão), o que possibilita associá-lo ao negro, ao mal, à obscuridade, à cisão. Caos, nesse sentido, se oporia a Eros, pois esta tende a união dos elementos. E, assim, a palavra foi aludida por Royce ao definir os desejos humanos como caóticos, desordenados.

Estar no “caos”, dessa maneira, é estar no “nada”. Quando o homem se perde no interior do espaço profano, “sente-se esvaziado de sua substância ‘ôntica’, como se estivesse dissolvendo-se no Caos, e acaba por extinguir-se” (ELIADE, 1992: 60). O Caos é o extremo oposto do Cosmos, o universo criado e organizado pelos deuses de forma perfeita nos primórdios dos tempos (TESTI, 2008: 11). No contexto, Eliade (1991) cita, de maneira muito pertinente aos propósitos dessa discussão, que “o Dragão primordial vencido pelos deuses” (p. 46), com o propósito de se vingar, insiste em perturbar a ordem, a harmonia que transforma o mundo em Cosmos. Primitivamente, foi nestes termos que se estabeleceu a simbólica demanda entre os deuses criadores do Cosmos e o Dragão, representante do Caos. Ao longo do tempo, o Dragão passou a ser interpretado como o inimigo do homem e sua imagem foi suplantada pelo Demônio ou pela Morte, e, mais recentemente, pelo resultado da ação de ambos: a destruição humana (p. 47-48). Dentre as diferentes figuras que o personagem Coração Negro se apresenta, pontuamos duas delas: a forma como dragão e como cobra. Na cultura judaico-cristã, a cobra é, pois, a grande alegoria do Mal, da queda adâmica do Cosmos para o Caos, do Éden para Maldição. Da mesma forma, o livro de *Apocalypse* apresenta o dragão como aquele que devoraria o filho varão que regeria as nações, a saber, Cristo. Esta é, claramente, uma forma estritamente religiosa de se conceber a criação do mundo e os perigos que o ameaçam, mas que pode ser estendida a outras esferas da vida sob diversos matizes.

Apesar de parecer distante, resquícios desta conceituação persistem até a atualidade no imaginário do homem, pois quando utilizamos termos como “caos”, “desordem”, “trevas” com o fim de indicar alguma situação que ameaça nossa casa, nossa cidade, “nosso mundo”, particular ou coletivo, estamos lançando mão de uma terminologia oriunda da concepção ora apresentada, a qual integra nossa “herança imemorial”, ainda que não tenhamos consciência disso (ELIADE apud TESTI, 2008: 11).

Finalmente, Coração Negro reaparece para cobrar a sua parte a Christ: ela deveria ajudá-lo a capturar os Ursinhos Carinhos a fim de que ele pudesse dominar o mundo. Entre a realização pessoal e o bem-estar social, um impasse, pois se ela se recusar a cooperar, poderia “voltar a ser a garotinha que nunca vence nada, aquela que sempre chega por último”. Quando quase todos os Ursinhos da família foram capturados, eis que a Lealdade,

a favor do Cosmos, ressurgiu na fala de um dos prisioneiros Carinhosos: “Nós somos mais fortes quando estamos todos juntos. Agora, podemos formar uma defesa unida contra o Coração Negro.”

Depois de ter congelado todos os sentimentos (Ursinhos Carinhosos) criando um lustre, Christ se reconcilia com seus dois amigos e, junto de Coração Leal e Coração Nobre, enfrenta Coração Negro. Ela toma consciência do valor que tinha o pouco que ela sabia fazer – jogar bolinha de gude – num momento imprescindível. Na batalha final entre os dois Ursinhos restantes e o Mal, a garota, ferida com os ataques do Dragão, acerta com sua bolinha bem no alvo da alavanca que faz o lustre despencar, descongelando toda a família dos Ursinhos.

Inferindo, a lealdade a uma causa pode manter o Cosmos ou iniciar o Caos. Embora social, o valor ético seria, como afirma Royce, a “satisfação de toda a lei moral” no indivíduo, na sua ordenação do caos interno, assinalando, ainda, que a felicidade estaria na satisfação dos desejos que são incontáveis e conflitantes.

O princípio da lealdade seria, portanto, um caminho para a serenidade, paz interior e auto-controle, pois o indivíduo depara-se com um objeto organizador para o qual focará seu desejo, organizando-o. Se preciso, se sacrificará em nome do que acredita, o que não significa abrir mão de si mesmo, afinal, o sacrifício por uma ideologia também é motivo de satisfação pessoal. Não se reprime o ser na sua individualidade, pelo contrário, proporciona-lhe situação propícia ao desenvolvimento de suas particularidades.

Refletindo, especificamente, no *corpus* de nossa abordagem, é lícito afirmar que os personagens do desenho, embora tenham lutado por uma causa una, são seres singulares: um é Ursinho Alegria, outro Segredo, outro Carinho, Boa sorte, etc. Analogamente, em *O Senhor dos Anéis*, a sociedade é composta por seres ímpares, isto é, por anões, elfos, homens e hobbits que, mesmo leais uns aos outros e à causa que defendem, não perdem sua forma individual, mas utilizam suas diferentes habilidades em prol de um bem maior e coletivo. Cada um se constitui como indivíduo, tendo seu lugar específico no grupo. Os elfos, como grandes arqueiros, os homens, com suas espadas, os anões, com seus machados, e os hobbits, de pequena estatura, porém grande esperteza, todos formam uma sociedade rígida, enlaçando as diferenças para buscar a unidade grupal.

A possibilidade de final feliz baseia-se, preponderantemente, no conceito de lealdade. Não por acaso, o último longa da trilogia, “O Retorno do Rei”, conta com a fidelidade de um exército do “além” que, por um código de honra e dívida de lealdade,

esperava o momento de ajudar o Rei Arathon, o que se consolidou em sua descendência, na figura de Aragon, um dos membros da sociedade do anel e herdeiro do trono. A Trilogia começa com uma promessa de Lealdade, e termina com a concretização da mesma. A resolução do problema, aparentemente sem solução, vem de um pacto, da fidelidade e, portanto, pode-se dizer que o Rei só vence porque a lealdade foi respeitada. De maneira semelhante, o final de “A volta dos Ursinhos carinhosos” apresenta a fé como grande tema para a salvação do mundo, é por ela que todos conseguem salvar a vida de Christ e libertar o menino de seu Coração Negro. Fé e fidelidade estão, assim, atreladas, possuem o mesmo radical latino, *fides*. Ter fé ou fidelidade a algo, isto é, acreditar e dedicar-se a uma causa como verdadeira e digna de sacrifício, seria uma das passagens para o indivíduo na cultura. Seja fé na ciência, na razão, no caos, no cosmo, em Deus, na inexistência de Deus, enfim, não importa a causa; a fidelidade em si é base para todos os outros valores morais. Podemos ser fiéis a eles ou não, e, mesmo quando não somos, estamos sendo fiéis a não fidelidade a qualquer outro princípio ético.

Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIROUX, Henry A. “Praticando estudos culturais nas faculdades de educação”. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

IGNÁCIO, Patrícia. “Três Espiãs Demais ensinando um jeito de ser jovem menina”. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, agosto de 2008.

PELLEGRINO, Hélio. “Pacto Edípico e Pacto Social”. In: **Folhetim/Folha de São Paulo**, 11 de setembro 1983.

ROYCE, Josiah. **The Philosophy of loyalty**. New York: The Macmilan Company, 1908.

TESTI, Edna de Moraes Pereira. “Um táxi para Viena D’Áustria: o homem contemporâneo nos labirintos da relativização”. In: **revista de Literatura, História e Memória** – Narrativas de extração histórica. Unioeste/Cascavel, vol. 4, nº4, pp. 289-301, 2008.

VICENTE, Maria Borges. “O desenho animado como sistema modelizante”. In: **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, BH/MG, pp. 1-15, 2003.

Referências eletrônicas

A volta dos Ursinhos Carinhosos

[http://www.youtube.com/watch?v=6klc-hB-](http://www.youtube.com/watch?v=6klc-hB-FRA&feature=Playlist&p=3115B36907F89C95&playnext=1&playnext_from=PL&index=3)

[FRA&feature=Playlist&p=3115B36907F89C95&playnext=1&playnext_from=PL&index=3](http://www.youtube.com/watch?v=6klc-hB-FRA&feature=Playlist&p=3115B36907F89C95&playnext=1&playnext_from=PL&index=3). Acessado em 03/11/2009.

MACHADO, João Luís de Almeida. “Os Simpsons e a Filosofia Aristóteles, Nietzsche e Kant visitam Springfield”. In: **Planetaeducação** – Um mundo de serviços para escola. <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=267>. Acessado em 16/11/2009.